



OUTRAS URBANIDADES: O URBANO-NATURAL- URBANIZADO DAS CIDADES DAS ÁGUAS

EIXO TEMÁTICO: 3. “OUTRAS” HISTÓRIAS?

MARQUES, Isabela Camargo R. F. M

Arquiteta e Urbanista, Mestrado em Dinâmica do Espaço Habitado pelo PPGAU-UFAL, Pesquisadora do Grupo de Estudos Nordestanças FAU/UFAL
isabelacamargoarq@gmail.com

DIAS, Juliana Michaello M.

Arquiteta e Urbanista, Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR-UFRJ, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da PPGAU/UFAL
juliana.dias@fau.ufal.br

RESUMO

A partir da reflexão acerca das relações conflituosas estabelecidas entre Maceió e suas águas ao longo do seu processo de urbanização, o artigo se debruça sobre duas questões centrais: a compreensão das vivências urbanas "outras", que estabelecem imbricações entre o urbano e o natural ao longo de sua história e por outro lado, as marcas impostas pelo tamponamento urbanizante que marcou o processo de ocupação do território da capital alagoana. Compreendemos que a análise desses processos nos permite refletir sobre as consequências das ações urbanísticas modernizantes e higienistas, que hoje conectam diversas cidades brasileiras que têm em comum a relação intrínseca com suas águas. Através do alinhavo entre fontes históricas, literárias e imagéticas que testemunham esses dois processos, nos propomos a desenhar uma historicidade que nos auxilie no movimento de imaginar futuros outros. A urgência desta reflexão, ampliando o olhar sobre outros modos de viver com as águas urbanas, nos parece particularmente pertinente com o advento das catástrofes climáticas cada vez mais presentes na era do antropoceno do século XXI. O artigo, através do estudo de caso na cidade de Maceió, pretende trazer à tona alguns pontos deste debate.

PALAVRAS-CHAVE: cidades das águas; urbano-natural-urbanizado; história; futuro ancestral; urbanismo.

ABSTRACT

Reflecting on the conflicting relationships established between Maceió and its waters throughout its urbanization process, the article focuses on two central issues: understanding "other" urban experiences that establish imbrications between the urban and the natural throughout its history and, on the other hand, the marks imposed by the urbanizing cover that marked the process of occupying the territory of Alagoas' capital. We understand the analysis of these processes allows us to reflect on the consequences of modernizing and hygienist urban actions, which today connect several Brazilian cities that share an intrinsic relationship with their waters. By aligning historical, literary and imaginary sources that bear witness to these two processes, we set out to design a historicity that will help us imagine other futures. The urgency of this reflection, broadening our view of other ways of living with urban water, seems particularly pertinent with the advent of climate catastrophes that are increasingly present in the 21st century Anthropocene era. The article, through a case study in the city of Maceió, aims to highlight some points in this debate.

KEY-WORDS: *water cities; urban-natural-urbanized; history; ancestral future; urbanism.*

RESUMEN

Reflexionando sobre las relaciones conflictivas establecidas entre Maceió y sus aguas a lo largo de su proceso de urbanización, el artículo se centra en dos cuestiones centrales: comprender las "otras" experiencias urbanas que establecen imbricaciones entre lo urbano y lo natural a lo largo de su historia y, por otro lado, las marcas impuestas por la urbanización tamponadora que marcó el proceso de ocupación del territorio de la capital de Alagoas. Entendemos que el análisis de estos procesos permite reflexionar sobre las consecuencias de las acciones urbanas modernizadoras e higienistas, que hoy conectan varias ciudades brasileñas que comparten una relación intrínseca con sus aguas. Alineando fuentes históricas, literarias e imaginarias que dan testimonio de estos dos procesos, nos proponemos diseñar una historicidad que nos ayude a imaginar otros futuros. La urgencia de esta reflexión, ampliando nuestra mirada hacia otras formas de vivir el agua urbana, parece especialmente pertinente con el advenimiento de las catástrofes climáticas cada vez más presentes en la era del Antropoceno del siglo XXI. El artículo, a través de un estudio de caso en la ciudad de Maceió, pretende destacar algunos puntos de este debate.

PALABRAS CLAVE: *ciudades de las aguas; urbano-natural-urbanizado; historia; futuro ancestral; urbanismo.*

INTRODUÇÃO: CIDADES DAS ÁGUAS

Escrevemos este artigo sob a égide de dois acontecimentos que conectam cidades brasileiras situadas em extremos do território brasileiro, mas que têm em comum a relação intrínseca com as águas. O primeiro, uma tragédia vinculada à emergência climática ainda em curso, alterou visceralmente a região do Rio Grande do Sul, com destaque para o impacto causado em sua capital, Porto Alegre, cujos bairros que margeiam o Guaíba sofreram danos ainda não calculáveis. O segundo, também proveniente dos abusos humanos sobre os territórios naturais, localiza-se na cidade de Maceió, capital de Alagoas, que sofre as consequências da subsidência do solo em cinco bairros - resultado da mineração de salgema pela multinacional Braskem - com impactos profundos na ocupação de sua orla lagunar.

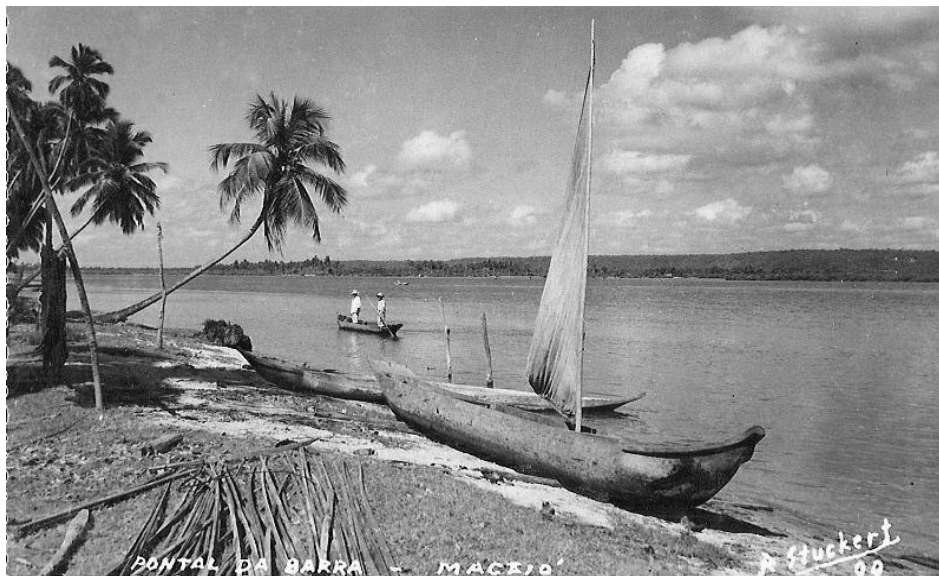
Um olhar atento às consequências da era atualmente compreendida como Antropoceno ou Capitaloceno nos levaria a expandir exponencialmente os exemplos, demonstrando a urgência de refletir e começar a disputar outros modos de relação com os territórios - urbanizados ou não. No escopo deste artigo, fruto de uma investigação acerca da cidade de Maceió, nos deteremos naquilo que chamamos de cidades das águas, relacionando estas aos processos de urbanização calcados num ideário moderno de controle e disciplinamento do “natural” - que no momento atual reivindica outros modos de pensar-agir. Ao longo do artigo discutiremos o que chamamos de imaginário urbano-natural-urbanizado, que pretende desfocar as fronteiras entre os termos de partida.

MACEIÓ, O QUE TAPA O ALAGADIÇO

Maceió é uma cidade composta por muitas águas e essas águas sempre estiveram muito presentes em sua urbanização. A origem de Maceió carrega no nome a história da briga da terra com a água: Maçai-o-g, “o que tapa o alagadiço”. O nome Maçai-o-g traduz uma ação, uma coisa em movimento. Segundo a interpretação de pensadores importantes do território alagoano do século XX, como Ivan Fernandes Lima (2010) e Octávio Brandão (1999), o nome “Maçai-o-g” conta a história do movimento geomorfológico que aconteceu e ainda está

acontecendo na região chamada de Canais e Lagoas, onde está inserida a cidade de Maceió. Milhares de anos atrás os povos indígenas que habitavam a região assistiram o transformar da água em terra e a formação das Lagoas Mundaú e Manguaba e seus canais. Isso significa dizer que no processo de formação da superfície da terra como conhecemos hoje, as lagoas se formaram a partir de fenômenos como a inundação da planície costeira pela elevação do nível do mar e pela subsidência do fundo dos rios onde hoje se localizam as lagoas, e que eram vales submarinos. Depois da regressão do nível do mar, as falésias próprias de nosso litoral foram sendo formadas paulatinamente pela disposição das areias expostas ao sol e carregadas pelo vento Nordeste para a planície. Esse processo ‘tapou’ a desembocadura dos rios Mundaú e Manguaba, efetivando a formação geomorfológica da região lagunar de Maceió. Portanto, Maçai-o-g conta a história da formação da restinga sobre a qual foi formada a capital do Estado das Alagoas. A importância da região e da característica natural de abundância de águas ainda em transformação que ela traz consigo se faz perceber no próprio nome do Estado: Alagoas.

Figura 1: Lagoa Mundaú margeando o Ponta da Barra - Maceió, 1950. Foto: Stuckert.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

A briga entre a água e a terra está ainda em curso, é evidente, e é denunciada pelos nomes dos lugares, desta vez em português, ainda que sigam a lógica indígena na raiz: A Barra Nova, por exemplo, dá nome ao novo lugar onde a barra (ou foz) das lagoas Mundaú e Manguaba

se localiza. A barra mudou de lugar, a foz das mesmas lagoas, que agora deságua em um novo lugar.

Neste ponto já se insere uma reflexão importante no refletir sobre as cidades das águas. Antes mesmo das alterações aceleradas que a ocupação urbano-capitalista impõe aos territórios, as águas, em suas características morfológicas, são também moventes, instáveis, pouco afeitas ao disciplinamento. Sobre a Barra Nova, Octávio Brandão nos alertava, já em 1919, na sua obra considerada até hoje uma das principais referências acerca da história das águas em Alagoas, “Canais e Lagoas”, que “O aspecto geral varia extraordinariamente, de modo que a cartografia dos canais é essencialmente instável. A terra é nova, ainda menina, incerta, revoltada, desordenada, em perene transformação” (OCTÁVIO BRANDÃO, 1999, p. 48). Ivan Fernandes Lima também destacava a natureza indócil das águas e consequentemente certa cautela necessária para agir sobre ela.

Podemos dizer que o equilíbrio lagunar, com relação às águas que neste sistema flúvio-laguno-marinho circulam, indica o estado físico apropriado para o mesmo. Qualquer alteração que venham a sofrer, de modo acentuado, pode causar resultados desconhecidos no comportamento de todos para um desequilíbrio favorável ou prejudicial às necessidades e objetivos humanos. Por isso, achamos que iniciativas a serem tomadas nunca devem ser na abertura demasiada de outros canais (artificiais) ou grandes aterramentos de muitos deles. (LIMA, 2010, p.132)

Ainda que possamos perceber um olhar atento às dinâmicas de transformação do território que ocorrem pela ação dos próprios aspectos não-humanos de sua dinâmica nos autores citados, é certo que tais reflexões não acompanharam as ações de urbanização da cidade - calcadas principalmente no tamponamento e aterro das suas águas.

DINÂMICAS DE TAMPONAMENTO

Como o próprio nome denuncia, Maceió apresenta um tamponamento natural de suas águas, pelo processo de formação e consolidação da restinga, dinâmicas longas de movimentos de águas e terras. Apesar do processo natural e lento de aterramento das águas na região, houve (e há até hoje) um movimento intenso e proposital de tapagem dessas águas à força, motivada pela ideologia higienista urbano-industrial, vigente no final do século XIX e começo do XX no Brasil. Foi comum no país - e ainda é -, a retificação de riachos e rios presentes nas áreas

urbanas, aterros e grandes obras de engenharia que tinham como objetivo “domar” a natureza, para transformar o ambiente urbano em um ambiente “mais saudável” para os seres humanos urbanizados. Maceió não fugiu a essa regra, o que deixou marcas profundas na subjetividade da cidade.

“Por toda parte os lugares tinham nome d’água traindo as origens: Levada, Olho-d’água, Maçaió, Aterro de Jaraguá, Poço, Bebedouro, Cambona, Satuba, Mundaú-Mirim, Água Fria, Lamarão Alagoas.” (LIMA, 1997, p. 35). A menção constante das águas e sua presença no imaginário maceioense surge como uma questão interessante, quando se reflete sobre a origem dessas menções, fruto do convívio com áreas alagadiças que dificultavam a mobilidade de pessoas e os transportes de cargas em geral, cheias, umidade, doenças, etc., e as compara com sua imagem contemporânea de “paraíso das águas”, do convívio com águas para o lazer, com um litoral exuberante e quase completamente acompanhado pela costa dos corais – um contínuo de arrecifes que vai de Maceió até Pernambuco, pelo litoral Norte, e que produz praias de mar calmo e protegido -, inúmeros riachos e lagoas paralelas ao mar, que proporcionam locais de banho agradáveis e seguros, com água doce e salgada no mesmo lugar, rios, bicas e as próprias lagoas Mundaú e Manguaba que contêm inúmeros cantinhos paradisíacos perfeitos para um dia de lazer. Retomaremos esta questão mais adiante. Por ora nos deteremos a compreender as primeiras relações entre a urbanização da cidade e suas águas.

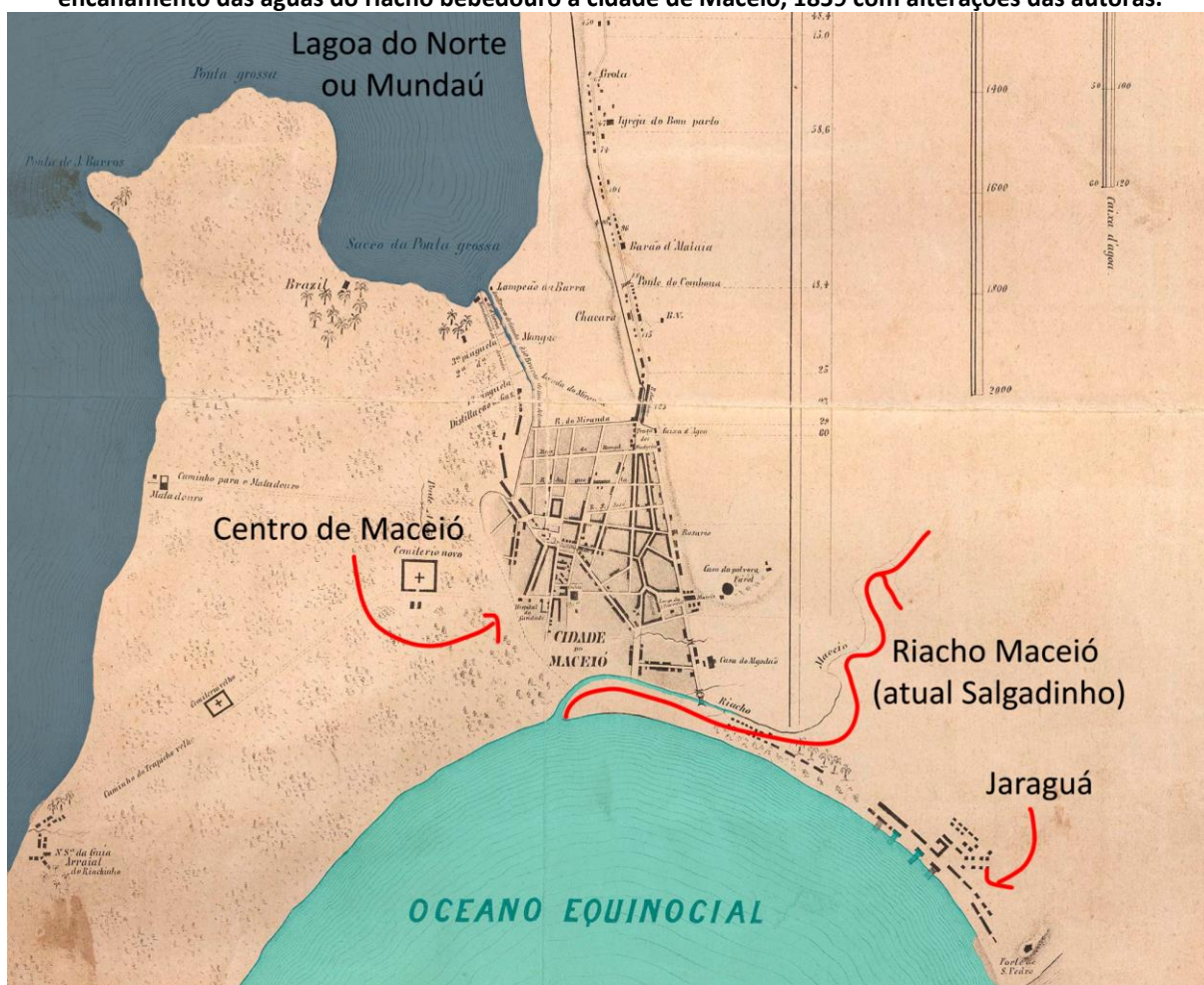
Esse imaginário aquático, muito mais ligado à região das lagoas do que ao mar, surgiu em um passado relativamente recente, quando a cidade era cortada por diversos cursos d’água, o que impedia a comunicação, literalmente entre bairros, sendo esta, feita por canoas, pontes e etc. Maceió lidava ainda com alagadiços e pântanos em volta desses cursos d’água, o que causava uma série de incômodos mais ou menos graves para o contexto de uma urbanização higienista.

A fisionomia da vila, no seu conjunto de ruelas tortuosas e habitações rústicas, com a mata à beira do casario, **o pântano da Boca de Maceió e os mangues da lagoa**, não seria de animar a um cortesão, mas não seria de escandalizar ao governador. Póvoas

governara, anteriormente, a capitania do Rio Grande do Norte e, de certo, se afizera à rudeza da terra e dos homens. (COSTA, 1981, p. 60, grifo nosso)

A Boca de Maceió, um extenso alagadiço perto da praia, que abrigava a foz do riacho que deu nome à cidade, foi uma das principais áreas causadoras de incômodos à urbanidade da recém ocupada Maceió, posto que separava seu núcleo de povoamento mais populoso e antigo de Jaraguá, o porto comercial que dava vida à Maceió do século XVII, como vê-se abaixo (Figura 2), a planta de 1859 para o abastecimento de água para a cidade de Maceió.

Figura 2: Riacho Maceió separando centro e Jaraguá no séc. XIX. Base da Planta e nivelamento para o encanamento das águas do riacho bebedouro à cidade de Maceió, 1859 com alterações das autoras.

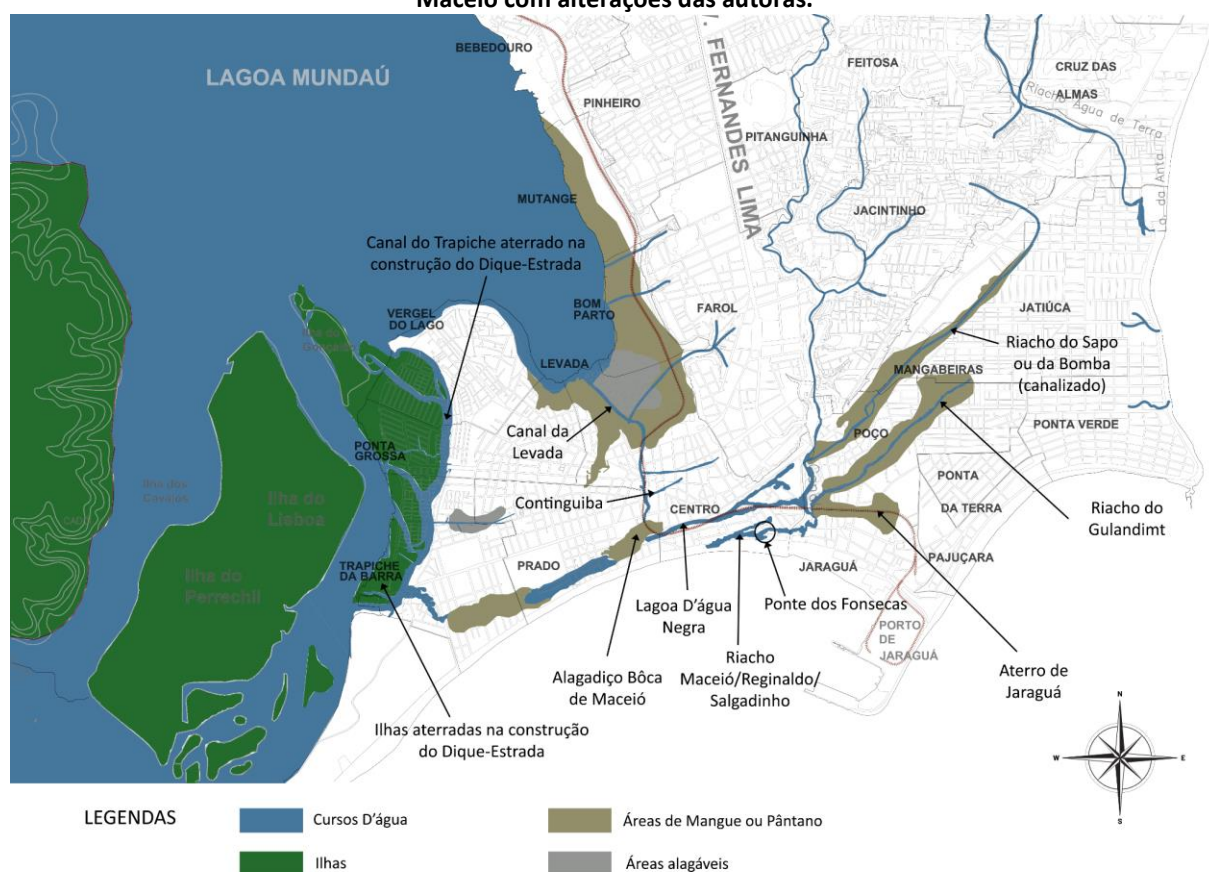


Fonte: Biblioteca Nacional (2024).

O núcleo de povoação chamado de Maceió, hoje o centro da cidade, também era entrecortado por outro alagadiço, vindo da Levada, em volta do canal de mesmo nome, que trazia em seu leito as águas da lagoa para dentro da cidade. A existência do Cotinguiba, outra

localidade pantanosa no centro da cidade, nos ajuda a visualizar a quantidade de águas presentes em Maceió, e o caos que esse cenário deveria representar para a formação de uma cidade sob o pensamento higienista, como se constata no mapa esquemático das águas, abaixo (Figura 3).

Figura 3: Mapa esquemático visual das águas, alagadiços de Maceió. Base cartográfica da Prefeitura de Maceió com alterações das autoras.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

À medida que se foi construindo e expandindo a cidade, foram se fazendo cada vez mais urgentes as obras que pretendiam “dignificar” a vida urbana da população ao fazer sumir ou pelo menos “domar”, suas águas por meio de aterramentos, pontes, construção de bombas e de um sistema de esgotamento sanitário e escoamento de águas pluviais.

Figura 4: Diagrama de vetores da expansão urbana de Maceió.



Fonte: Marques, I. C. (2018).

O riacho Salgadinho, que originalmente carregava o nome de Maceió, e do qual a cidade herdou o nome, desaguava na praia do Sobral, região conhecida na velha Maceió por Boca de Maceió, já mencionada anteriormente. Segundo Ticianeli (2018), as águas do riacho, em períodos de seca, diminuía a ponto de sua barra fechar. Já nos períodos de chuva, inundações se faziam tão fortes que a Intendência mandava abrir o acesso do riacho ao mar, na mesma praia do Sobral. Ainda segundo Ticianeli (2018), o riacho passou a receber o nome de Salgadinho, depois de 1948, após a mudança de seu curso e canalização, “provavelmente por receber água do mar na maré cheia”.

Durante o período de chuvas, o riacho canalizava muita água e provocava cheias e destruição por onde passava. Em 1924, no início de abril, as chuvas que já eram intensas, caíram em um volume muito acima do normal, causando destruição, arrancando pontes, e matando pelo menos três pessoas (TICIANELI, 2015). As águas destruíram seis imóveis, houve inúmeros desabamentos, centenas de famílias ficaram desabrigadas e muita gente ficou ferida, além de terem móveis e pertences de suas casas destruídos e/ou arrastados para o mar.

Os trilhos da Great Western entre Bebedouro e Jaraguá foram arrancados em diversos pontos. No bairro portuário, os armazéns das firmas Rosa Borges & Cia. e

Carlos Lyra & Cia. também foram invadidos pelas águas, inutilizando parte das mercadorias ali estocada. A Ponte de Desembarque de Jaraguá foi atingida por ventos e ondas muito fortes e desabou (TICIANELI, 2015).

A força da tromba d'água também danificou severamente as pontes “dos FONSECAS” da Great Western, que ligavam Jaraguá ao centro, deixando os dois principais polos da cidade incomunicáveis, entre outras pontes levadas pelas águas (Figura 5).

Figura 5: Ponte da Great Western sobre o Salgadinho após cheia de 1924.



Fonte: Edberto Ticianeli (2015).

Entre a restinga, mangues e cursos d'água como riachos, lagoas e rios, a cidade foi se espalhando, ocupando, aterrando, invadindo. O modelo de ocupação humana que vemos hoje, se formou em cima, ou apesar das águas. Essa é uma evidência fácil de enxergar na planície litorânea até hoje, por meio das ruas de asfalto onduladas, que fazem saltar os corpos de dentro dos carros e ônibus. Pelos constantes alagamentos em diversos pontos da cidade, pelos estacionamentos completamente ondulados, pelas calçadas quebradas. A presença da natureza na vida urbana é gritante, e traz uma sensação de desordem para a cidade, que muitas vezes aparece nas dizibilidades como “terra sem lei”, “aqui nada dá certo”, “subdesenvolvimento”, “incivilidade”.

DINÂMICAS DE APAGAMENTO

Por outro lado, as formas urbanas alagadas de Maceió, ainda que muito presentes em um imaginário aquático, foram, como as águas, sumindo do espaço subjetivo urbano, de modo que as novas gerações não visualizam e nem sabem com profundidade a quantidade de água que habita – ainda que aterradas – o solo da capital alagoana. A impressão é que ninguém sabe que a cidade era cortada por águas doces e salobras da Lagoa e dos rios por todos os lados. Depois de tantas tapagens, a presença física das águas e alagadiços na vida cotidiana foi deixando de existir no campo prático, mesmo que os indícios de sua presença apareçam sempre que chove na capital alagoana, pois muitos pontos da cidade alagam rapidamente. Ainda assim, hoje essa não é mais uma questão consciente no imaginário aquático maceioense, que foi transferido, em grande escala, para a relação com o mar, e deste com o turismo e o lazer.

As águas seguem tendo uma presença forte na subjetividade maceioense, mas agora de outro lugar, no campo do inconsciente, mais longe de uma vida prática nas águas, uma vida anfíbia, e mais perto de uma relação ligada ao lazer e deleite. O lazer está muito atrelado às águas, mas a vida mesmo, cotidiana, não é mais mediada pelas águas como antes. Maceió perdeu, na maior parte de seu território, essa característica. Os processos de tapagem contínuos e a transferência de uma imaginário aquático lagunar para oceânico, deixou muitas marcas e se reflete no modo de viver a cidade atual por meio do “paraíso das águas”, o slogan criado com objetivos turísticos e absorvido pela população, que carrega em si, ainda a marca da anfibialidade, mesmo que impalpável. Vale ressaltar que uma parte da população, que vive nos bairros lagunares (área desvalorizada da cidade), ainda convive com alguns cursos d’água que cortam a planície, muitos dos quais foram canalizados e viraram esgotos a céu aberto.

Mesmo assim, as águas reclamam seu espaço de origem ao, por sua vez, tapar a cidade em alagamentos constantes, de maior ou menor grau, espalhados por toda a malha urbana ao menor sinal de chuva. A cidade central, que corresponde ao atual centro e a zona sul, para onde a cidade crescia em direção a lagoa (ver Figura 4), além da planície litorânea, onde ocorreram o maior número de tapagens, é onde estão o maior volume de águas tapadas de Maceió, e ainda hoje, é a área mais afetada por alagamentos mais graves, principalmente os bairros lagunares, a cidade pobre. Essa cidade sofre com alagamentos pavorosos inclusive do

Mercado Central da cidade – o Mercado da Produção –, a água toma de volta seus lugares de origem.

As águas, portanto, formaram a cidade, e a cidade se formou delas, fazendo do povo desta região, um “povo anfíbio” (Brandão, 1999), meio água meio terra. Essa presença e os movimentos de tapagens dessas águas formam, então, um imaginário aquático complexo, que aqui nomearemos de urbano-natural-urbanizado, que é urbano e natural ao mesmo tempo, coexistindo em conflito. O vínculo com as águas traz à tona aspectos profundos e contraditórios de amor e rejeição: os homens tapando a água com terra para expandir a cidade e sanitizar, e a água tapando a cidade com trombas d’água em sua força descomunal. Trataremos a seguir de algumas pistas sobre aquilo que o taponamento não conseguiu extirpar do imaginário da cidade, investigando algumas implicações das águas - visíveis, tapadas, retificadas, aterradas... - nos modos de viver o cotidiano da cidade.

PISTAS PARA OUTRAS URBANIDADES: O URBANO-NATURAL-URBANIZADO

A transformação física do ambiente que hoje é cidade e as consequências da presença dessas águas criaram um modo de viver em volta delas, uma forma de habitar. A grande pergunta desse tema seria “até onde vão as consequências dessa ‘marca’ deixada pela presença das águas na sociabilidade e no modo de vida urbano maceioense? Como era esse modo de viver que se criou “em volta das águas” e o que restou dele hoje em dia, visto que o ambiente físico mudou, tanto naturalmente quanto artificialmente? Considerando que a força propulsora da aglomeração cada vez maior de pessoas em alguma localidade implanta marcas originais nas dinâmicas de funcionamento do lugar. Um aglomerado agrário carrega marcas diferentes de um aglomerado portuário. É inegável também que Jaraguá, bairro importante e histórico de Maceió carrega marcas de uma vida portuária.

Assim, o polo de Santa Luzia (AL) se revela como colonizador lagunar, de específica situação geográfica, o único que o possui Pernambuco antigo. O que resta de sua cultura lagunar foi descrito pelo grande poeta e romancista Jorge de Lima em sua novela Calunga. Mas **nessa cultura lagunar, o mestre Theo Brandão colheu o que dela existia de melhor: suas tradições populares**. A velha capital, Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, com seus antigos conventos barrocos, é a mãe-cult que codificou em costumes e hábitos toda essa cultura lagunar, cuja base alimentar é um molusco: o sururu. Foi dessa cultura, de seus ritos culturais e costumes, que Maceió

criou-se. Beiradeira como a velha cidade de Alagoas e metendo os pés na cultura lagunar, Maceió tem uma coisa que a velha Alagoas não tem: a fímbria marinha, o mar de colosso e um planalto que lhe entra às entranhas. E foi esse terceiro polo que criou, tardiamente, Maceió. (DIRCEU LINDOSO, 2019, p. 60-61, grifo nosso)

Lindoso, no fragmento acima, caracteriza Maceió como “Beiradeira”, que, para além daquela que está à beira d’água, significa, segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2004), “Pequeno negociante das margens das linhas férreas”. Ou seja, o autor indica a vocação comercial da região que viria a ser Maceió, e ainda indica que essa vocação teria sido influência de um modo de vida lagunar presente na velha capital, Alagoas do Sul. Podemos entender essa síntese a partir da dinâmica de vida nos povoados da região dos canais e lagoas, cuja relação entre si era forte e dinamizada pelo centro comercial e cultural, a velha Alagoas do Sul, atual Marechal Deodoro.

Essa formação social e cultural fica nítida ao se abordar a quantidade e especialidade de técnicas de pesca desenvolvidas localmente, e também na especialidade empregada na construção de meios de mobilidade entre os núcleos povoados, como canoas, jangadas e até embarcações maiores que funcionaram durante muitas décadas, fazendo o transporte comercial e de pessoas entre toda a região lagunar. Inseridas no mesmo contexto ambiental, como disse Lindoso (2019), com “os pés fincados na cultura lagunar”, Maceió e a Velha Vila de Santa Maria Madalena de Alagoas do Sul, a antiga capital, compartilham muitos aspectos do imaginário aquático próprio da região.

O modo de viver refletido em várias cidades da região dos canais e lagoas indica que havia um intercâmbio pelas águas. Um intercâmbio não só de mercadorias de subsistência, mas cultural também. Marechal Deodoro era o ponto de irradiação desse modo de viver lagunar para todo o entorno dos canais e lagoas, incluindo Maceió, que foi contemplada com esse modo de viver lagunar por estar inserida nesse contexto. A presença desse modo de viver é claramente perceptível nas dinâmicas urbanas maceioenses, especialmente nos séculos XIX e XX. Havia três portos lagunares que ligavam Maceió (o terraço do centro) à lagoa do Norte (Mundaú), e conseqüentemente, à capital da província, Alagoas do Sul e aos diversos povoados da região lagunar. Eram eles, os portos de Bebedouro, Trapiche e da Levada. Esses portos faziam uma rota hídrica entre povoados e localidades na região dos canais e lagoas e funcionavam sob a

lógica da subsistência daquela região e de seu povo. Essa dinâmica aquática lagunar inseriu Maceió no polo de colonização da vila de Santa Maria Madalena da Alagoas do Sul, dando mais uma camada de sentido à anfiabilidade da cidade, para além de suas formas urbanas alagadas.

Figura 6: Porto e canal da Levada, 1920. Foto de Rogato.



Fonte: Edberto Ticianeli (2017).

Maceió desenvolveu um imaginário próprio, especialmente depois de ganhar o status de capital, quando estava em franca expansão, a partir do século XIX. O porto de Jaraguá, enquanto motivador de uma dinâmica intensa de exportação de madeiras das matas alagoanas e açúcar, foi paulatinamente roubando para Maceió o poder da antiga capital, Alagoas do Sul. A força subjetiva originada das dinâmicas urbanas presentes nesse momento e contexto também formaram o que é Maceió hoje, e a diferenciou do modo de viver anfíbio, sua influência primordial.

É o surgimento de Maceió, sua vitória política de ser capital da província, que vai amaciar as contradições sociais e econômicas dos dois modelos de colonização e, ao mesmo tempo, esgotará economicamente os dois modelos, fazendo cidades como Penedo e Porto Calvo entrarem em decadência. Maceió, hoje, concentra toda a riqueza econômica produzida em Alagoas, toda a produção cultural e todo o trabalho intelectual. O preço da modernidade do seu urbanismo é a decadência de quase todas as cidades de Alagoas. (LINDOSO, 2019, p. 63)

A cidade tapadiça, que tem em seu imaginário o desejo de se encaixar na lógica “burguesa-mercantil” (Lindoso, 2015) em vigor, quando começou a ganhar o status de cidade, a partir do século XIX, é uma cidade que vai negando sua anfibilidade, na tentativa de acompanhar os novos tempos. Para a cidade tapadiça, água e pântano precisam ser tapados, precisam não existir. A higiene e embelezamento precisa acontecer – dentro de moldes muito específicos. A cidade tapadiça precisa ostentar urbanização, status, poder e dinheiro para ser reconhecida como uma cidade importante. Esse movimento subjetivo, aliado a uma situação concreta de degradação ambiental pela aglomeração de pessoas sem infraestrutura ou planejamento urbano, levou Maceió – e muitas outras cidades – a promoverem reformas urbanas no intuito de melhorar as condições sanitárias de habitação e circulação no espaço e embelezar o ambiente, dando a ela um “aspecto de cidade”, e de “civilização” ao espaço urbano.

Figura 7: Porto de Jaraguá - ponte de desembarque, década de 1920.



Fonte: Acervo Lêdo Ivo, Instituto Moreira Salles (2024).

Esse imaginário tapadiço começou pelo porto do mar. Foi Jaraguá que trouxe a possibilidade da cidade que quer se encaixar, de fato vir a existir. Essa cidade, portanto, está profundamente ligada às dinâmicas portuárias. A formação de uma cidade mercantil portuária de exportação tem sabor de mar e relação com estrangeiros desde sempre. É uma cidade que sente o peso da influência estrangeira, indo e vindo, e uma certeza na qual não se quer acreditar, um receio, de que vai ser usada para constantemente no ar.

Era como se ali, naqueles sobrados de gradis ferrugentos e nas calçadas tortas e em declive, o homem se tivesse empenhado em construir o seu primeiro e mais resistente baluarte contra o mar e a evasão, levantando um monumento que, mesmo à noite, cheirava a mercadoria e a lucro. E as janelas fechadas escondiam o amor e o ódio, a expiação e o terror, o adultério e a sodomia. E, dia e noite, os relógios marcavam o fluir do tédio e da espera insensata. (IVO, 2015, p. 14)

Esse fragmento parece capturar e descrever a alma da cidade tapadiça e seu motivo de existência. “O homem” que levanta um monumento que cheira a mercadoria e lucro. Pode-se entender o monumento como sendo a própria cidade, que vai deixando de ser povoado, para virar vila, e depois capital, para atender à expectativa de gerar lucro. Se transforma no ponto de encontro de interesses mercantis. E as marcas dessa confluência que gira em torno de mercadoria e lucro vão sendo deixadas pelo chão, paredes, praças, no ar.

Figura 8: Porto de Maceió, 1948. Foto de Marcel Gautherot.



Fonte: Arquivo Instituto Moreira Salles (2024).

A movimentação que as mercadorias de exportação e o lucro faziam girar provocavam dinâmicas diferentes daquelas vindas da influência lagunar, e produziam um novo clima para a urbe. Essas duas dinâmicas, se encontravam, se misturavam, entravam em conflito, se fundiam, e originaram o imaginário que aqui descrevemos como urbano-natural-urbanizado. Os portos lagunares de transporte e o porto de Jaraguá de exportação e importação, e seus

impactos na dinâmica urbana da cidade crescente formaram um imaginário anfíbio em conflito. Um conflito entre o urbano do “progresso” e o natural do “passado”. O porto de Jaraguá e a mudança da capital para Maceió formando um imaginário urbano de progresso e a forte influência do modo de viver lagunar remetendo a um imaginário natural do passado. A confluência dessas duas forças aquáticas subjetivas formando um só lugar ao mesmo tempo, acaba por criar um contexto subjetivo complexo - um imaginário urbano-natural-urbanizado.

VIVER NUMA CIDADE ANFÍBIA

“Gostava de me lavar assim quando era menino. A trovoadas ainda roncava no céu, e já me preparava. Às vezes a preparação durava três dias. O trovão rolava por este mundo, os relâmpagos sucediam-se com fúria. Quitéria encafuava-se, oferecia peles de fumo a Santa Clara, escondia a cabeça debaixo das cobertas e gritava: - ‘Misericórdia!’; meu pai largava o romance, nervoso; Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva chamava sinha Germana, que tinha morrido. Quando o aguaceiro chegava, o couro cru da cama do velho Trajano virava mingau, tanta goteira havia; a rede suja de Camilo fedia a bode; os bichos da fazenda vinham abrigar-se no copiar; o chão de terra batida ficava todo coberto de excremento.

Eu tirava as alpercatas, arrancava do corpo a camisinha de algodão encardida, agarrava um cabo de vassoura, fazia dele um cavalo e saía pinoteando, pererê, pererê, pererê, até o fim do pátio, onde havia três pés de juá. Repetia o exercício, cheio de alegria doida, e gritava para os animais do curral, que se lavavam como eu. Fatigado, saltava no lombo do cavalo de fábrica, velho e lazarento, galopava até o Ipanema e caía no poço da Pedra. As cobras tomavam banho com a gente, mas dentro da água não mordiam.

O poço da Pedra era uma piscina enorme. Antes de entrar nela, o Ipanema (rio) tinha dois metros de largura e arrastava-se debaixo dos garranchos de algumas quixabeiras sem folhas.” (RAMOS, 2005, p. 18)

O fragmento acima se passa em um antigo engenho, na ficção de Graciliano Ramos, *Angústia*, mas há também resquícios desse tipo de vivência em Maceió até recentemente. Apesar de se consistir numa narrativa rural dos anos 1930, reconhecemos estórias como estas no discurso de gerações mais velhas e ainda hoje a cidade mantém uma relação muito próxima de lazer ligada aos recursos naturais, sendo este aspecto exatamente o que é vendido para o turismo.

Temos ainda as lembranças das nossas próprias vivências com as águas maceioenses ligadas ao lazer, tanto no mar, quanto nos canais das lagoas. Só aí, já vai quase um século de relação íntima, mítica e lúdica com as águas, sendo essa, possivelmente, a relação mais emocional do

povo dos canais e lagoas alagoanos, estruturada no deleite visual e na capacidade de provisão alimentar.

Figura 9: Cata de Sururu - Lagoa Mundaú, Maceió.



Fonte: Gazeta de Alagoas Web (2022).

O que era considerado boa vida nos anos 1930, quando Graciliano escreveu o romance *Angústia*, consistia em vista para a lagoa e uma casa confortável nos moldes higienistas, em bairro nobre da época, o Farol no alto do tabuleiro.

Esse imaginário complexo urbano-natural-urbanizado é urbano e natural ao mesmo tempo, posto que o contato intenso com a natureza das dinâmicas lagunares não era com uma natureza intocada, era com uma natureza urbanizada, eram **portos** lagunares. Portando esse imaginário complexo, híbrido, meio terra, meio água, coexiste em conflito. Há na cidade anfíbia, a presença de uma natureza urbana forte, assim como a urbanidade que se forma ali é, portanto, natural. Poderíamos dizer, então, que a anfibialidade seria a síntese de um imaginário complexo urbano-natural-urbanizado.

A vida de Maceió hoje não parece mais a do povo anfíbio do início de sua consolidação, entre os séculos XIX e XX, que girava em torno das suas águas doces e salobras, quando era preciso

pegar barco ou canoa para alcançar lugar algum da cidade. Pode-se dizer, portanto, que a anfiabilidade do povo maceioense, no geral, mudou. Do cotidiano permeado pela água para o lazer em torno delas: rios, lagoas, riachos, mar. Ainda que boa parte do seu ideário simbólico continua posicionado ao redor das águas.

Curioso também pensar sobre como era, de fato, viver de forma anfíbia, meio na água, meio na terra. Octávio Brandão já apontava as dualidades dessa vivência, a umidade que tomava conta das casas causando doenças respiratórias, a presença contínua das febres palustres, criando imaginários fantásticos de maleita. Mas também, a relação mais próxima com a natureza impactando diretamente o ritmo de vida, uma vida cíclica, mais harmônica. Enfim, a ambiguidade de uma urbanidade mole, natural, urbano-natural-urbana.

Os antigos cronistas maceioenses eram velhos alcoviteiros da cidade. Queriam-na como se querem as mulheres: moças e bonitas. Conheci um sujeito que tinha uma frase lapidar: as cidades são mulheres impúberes. Será que se podia aplicar o dito a Maceió? O velho Craveiro Costa, que era o cronista-mor da cidade, viu-a nascer ‘espúria... no pátio de um engenho colonial, sem ascendência conhecida e assentamento autorizado’. Queria dizer o gaúcho, que Craveiro Costa nunca deixou de ser, que Maceió nasceria sem nobreza. Mas sempre foi, e é, uma cidade de mercadores. E de um mercador não se pode exigir as ascendências. É uma cidade filha de bons mascates. Prefiro imaginar Maceió filha do coito de um engenho velho com um maçaió marinho. O holandês Barléus alcaguetou, nos meados do século XVII, que onde é hoje Maceió, era no seu tempo um deserto arenoso, uma restinga. Cercada de pântanos marinhos. O reino dos mosquitos. Ainda sem o cocal da Pajuçara e do Sobral. Um riachinho corria tranquilo. Pois mataram esse riacho tranquilo, aterraram as águas, e sobre ele criaram Maceió. A cidade nasceu de um crime. Um crime ecológico (LINDOSO, 2006, p. 24-25).

Figura 10: Hotel Petrópolis “o único que não tem mosquitos”, nas primeiras décadas do século XX.



Fonte: Portal dos escritores (2013).

E é com as consequências desse modo de urbanizar os espaços das cidades das águas, que segue sendo constante nas cidades mundo afora, mas especialmente nas brasileiras, que hoje nos vemos tendo que lidar.

TENSÕES ENTRE O URBANO-NATURAL-URBANIZADO X URBANO INDUSTRIAL

As manifestações populares e os elementos naturais estão, no modo de viver anfíbio da região dos canais e lagoas, intimamente ligados, compondo o imaginário urbano-natural-urbanizado que se deitou e se deita sobre todos os núcleos de povoação, maiores ou menores da região que envolve as lagoas Manguaba e Mundaú. Essa é a cultura lagunar a que se refere Dirceu Lindoso, e antes dele, Octávio Brandão. Esse imaginário foi perdendo força na capital, e vem sendo cada vez mais marginalizado por ser um imaginário profundamente ligado aos povos originários e pobres, negros e indígenas, desde sua origem.

Ao mesmo tempo, uma outra força subjetiva que também forma o imaginário urbano-natural-urbanizado maceioense, a força urbano-industrial, foi ganhando força e foi paulatinamente aterrando a cultura anfíbia em seu ímpeto de pertencer à cena nacional brasileira. Esse processo, muito complexo e cheio de diferentes camadas, vai gerando conflitos e discussões entre intelectuais estudiosos da cultura alagoana, que, no entanto, sentem falta da presença das dinâmicas urbanas e/ou de outros elementos que não só os naturais no imaginário coletivo de Maceió. O que é uma questão importante a se considerar, tendo sido estudada por diversos autores como Dirceu Lindoso e Raquel Rocha Barros. A autora, em sua tese de doutorado, fala sobre a presença dos elementos naturais nas representações e elaborações de símbolos locais:

Na realidade, representações se valendo de elementos naturais em geral (e não apenas daqueles associados ao isolamento), podem ser encontradas na literatura e na historiografia locais, além de poderem ser localizadas nas já citadas marcas turísticas e oficiais da cidade. Tais imagens realizam, em realidade, nós o veremos, uma singular e delicada operação, em que o elemento natural tomado como fonte de representação ou, em todo o caso, de autorrepresentação, o é pelo absoluto esvaziamento de outras fontes inspiradoras, estas informadas a partir da existência de uma vida coletiva. A inexistência dessa vivência coletivizada – aqui manifesta enquanto experiência da falta ou da ausência, e da qual acreditamos derivar o sentimento de isolamento – é o que favorece a eleição do elemento natural como imagem representativa da cidade. Veremos que a operação pela qual a natureza se torna álibi do sentimento mais generalizado de isolamento é regida pelo desligamento das

formas representativas históricas, por uma preferência pelo “de fora” em detrimento ao que é “de dentro”, e por uma busca do genérico em lugar do particular. (BARROS, 2018, p. 33-34)

A “preferência pelo de fora”, citada por Barros como autorrepresentação, pode ser entendida como um indicativo de uma insegurança ontológica muito profunda, ancorada justamente no desenvolvimento urbano sob uma expectativa específica de cidade ideal, à qual Maceió nunca conseguiu alcançar. A forte presença desse discurso da falta até hoje, por sua vez, expõe as tensões em relação aos processos de subjetivação coletivos. Nos pega desprevenidos em meio à vontade de pertencer a qualquer custo. O sentimento de isolamento, nesse contexto, faz total sentido, pois quando perdemos a conexão conosco, nos sentimos apartados de tudo e de todos, sozinhos.

Uma sociedade construída sobre uma base estrutural de natureza e influência indígena forte, como Maceió e a região dos canais e lagoas, há de carregar em seu modo de viver urbano rastros dessa vivência, neste caso, a presença inegável das águas – salgadas, salobras e doces. Entender a força natural que incide sobre um lugar é importante, pois esse tipo de influência geralmente se transfere para a vida cotidiana, mesmo que o espaço seja modificado fisicamente pelo homem, essa força continua existindo, pois é a expressão natural daquele lugar.

Em Maceió é possível identificar o ritmo cíclico, a dinâmica urbana predominantemente diurna, a presença de uma “natureza” muito exuberante na malha urbana – as praias urbanizadas e a lagoa Mundaú, apesar de toda degradação ambiental. Ainda assim, o tema é bastante complexo, pois apesar dessa presença fortemente sentida de forma mais ou menos consciente pela população, é também muito comum o corte constante das poucas árvores que restam na malha urbana, por exemplo.

CONCLUINDO... APRENDER COM O NATURAL-URBANO

Sob quase todos os aspectos, nossa Natureza merece elogios: uma fartura, uma abundância nunca vistas. E, todavia, o Homem não aproveita esta Natureza! Ó, não me é possível a resignação de ver impassivelmente a miséria deste povo que é o meu... (BRANDÃO, 1999, p. 125)

Octávio Brandão, quando escreve esse fragmento, por volta dos anos 1917, está inserido no contexto pós-revolução industrial que enxergava os “recursos naturais” com fonte monetária, por meio da exploração e industrialização desses. Ao mesmo tempo em que reconhece a potência natural de sua terra, deseja explorá-la, para “salvar sua gente da miséria”. Uma ironia infeliz é que essa é exatamente a área – a lagoa Mundaú – que vai ser afetada, quase um século mais tarde, final da década de 2010 pelo “desastre” da Braskem (antiga Salgema), desabitando 5 bairros que tinham a “vista para a lagoa” mencionada por Graciliano Ramos no romance *Angústia*.

A implantação da empresa e do Dique-Estrada (uma via com cinco quilômetros de extensão à beira da lagoa Mundaú, com o objetivo de escoar a produção da indústria química Salgema, atual Braskem, que interligou cinco bairros por uma orla lagunar e incorporou 202 hectares de terra à cidade), ainda nos anos 1970, provocou um “afastamento geral” da lagoa, incentivando um movimento de abandono em massa dos bairros tradicionais, junto a outros fatores da dinâmica urbana, como o aumento do turismo voltado para o mar e da própria exploração desse potencial turístico da cidade, o que intensificou o declínio da região das lagoas, até como lugar de lazer (DUARTE, 2019). Esse “afastamento da lagoa”, distanciou a população de uma das forças subjetivas fundantes da cidade, diretamente ligada à relação com a lagoa e suas representações.

Figuras 11 e 12: Foto aérea antes e durante o processo de aterramento e construção do Dique-Estrada. Fotos de José Ronaldo s/d.



Fonte: Acervo de Ailton Pacheco. In Rubens Duarte (2019).

A abordagem desse tema é sempre complexa, pois a crítica muito necessária a um modo de vida pautado no consumo sem fim, que está levando o planeta para um colapso climático, pode facilmente enveredar por caminhos saudosistas e/ou românticos, que criam uma ideia de que o passado era perfeito e a solução é voltar para ele. Ir para o outro polo na crítica é perigoso, pois não só não é possível voltar ao passado como também ele não é perfeito.

Quando Ailton Krenak (2022), vem nos dizer que o futuro é ancestral, não é uma apologia saudosista, muito pelo contrário. Krenak nos diz que uma possível saída para esse buraco ontológico onde o ser se misturou ao ter, que nos encontramos hoje, seria a tecnologia ancestral da harmonia com a “natureza” – que seria um primeiro passo para desfazer a própria separação entre o que seria humano (urbano, por exemplo), do que seria natural. Mas para além disso, a partir do contato com suas reflexões, fica mais clara a necessidade de nós, humanos da cidade, ouvirmos outras cosmovisões sobre formas de habitar os espaços, pois dentro dessa que inventamos não conseguimos imaginar outras formas de viver, senão a que experienciamos nas cidades ocidentais de hoje, e ela já se mostrou absolutamente insustentável.

Como se pôde ver na experiência de Maceió e de outras tantas cidades em todo o mundo, não adianta aterrar, retificar ou alterar cursos d’água porque os leitos antigos ficam registrados na memória da terra. Quando chove, a água toma de volta o seu lugar, e tapa a cidade, não com terra, como fazemos, mas com água. E os alagamentos se dão, por vezes incômodos, outras vezes catastróficos.

Até rios menores, sem o porte de um rio Branco, têm uma força mágica capaz de nos carregar. É fascinante pensar que o grande rio que dá nome à Bacia Amazônica nasce de um fiozinho de água lá nas cordilheiras dos Andes para formar aquele mundo aquático. Ele carrega muitos outros rios, mas também a água que a própria floresta dá para as nuvens, e que a chuva devolve para a terra, nesse ciclo maravilhoso em que as águas dos rios são as do céu, e as águas do céu são as do rio. (KRENAK, 2022, p. 09)

Conhecer os caminhos das águas, onde foram aterradas, ou alteradas de alguma forma é um dos passos que devemos dar para imaginarmos outros mundos possíveis para além do projeto disciplinador humano – aquilo que os urbanistas até hoje compreendem como seu ofício.

Ignorar as informações sobre a história da terra e das águas é um dos fatores que causam inundações e catástrofes urbanas – como a que assistimos atualmente em Porto Alegre. Quando no início deste texto denominamos o Rio Guaíba apenas pelo nome o fizemos justamente porque o modo de nomeá-lo não é inocente nas facetas políticas da especulação imobiliária. Foi apenas no bojo da emergência climática que a polêmica da sua classificação como rio ou lago deixou claro o modo predatório com que passamos a lidar com a natureza.

Em “Futuro Ancestral”, Ailton Krenak, nos presenteia como uma visão de esperança em um futuro de crise climática, nos dizendo que o futuro é ancestral no sentido de um resgate enquanto humanidade, de tecnologias ancestrais de viver no planeta.

Nossos parentes que vivem ali na fronteira do Peru com a Colômbia moram em aldeias flutuantes, construídas em plataformas sobre as águas. É uma gente que precisa da água viva, dos espíritos da água presentes, da poesia que ela proporciona à vida e, por isso, são chamados de povos das águas. A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência, de sua cultura, de sua economia e experiência de pertencer. No lago Titicaca tem um povo antiquíssimo que também vive em cima de plataformas, dentro da água. Ali, naquele espaço, todos nascem e morrem, criam pequenos animais, as crianças brincam. Vivem na e da água, essa potência de vida que vem sendo plasmada pela presença barulhenta dos humanos urbanos, que sempre querem mais e, se preciso for, constroem Belo Monte, Tucuruí, fazem barragens em tudo quanto é bacia para satisfazer a sede infinita de suas cidades, casa dos que já não sabem viver nas águas e nas florestas (KRENAK, 2022, p. 10)

Traduzindo o processo natural de movimentação das forças da natureza em determinado local, é possível extrair informações preciosas e úteis na hora de construir estruturas de habitação localizadas, assim como quais seriam as melhores formas de habitar. Essas escolhas, a partir de um estudo consciente do lugar, configuram dinâmicas para o espaço habitado apropriadas e em harmonia com o meio que rodeia aqueles seres habitantes, assim como se torna possível prever movimentações naturais. Uma vida em harmonia com a natureza, talvez tenha muito mais a ver com movimento, flexibilidade e resiliência, do que com dominação, utilitarismo dos recursos naturais e aglomerados quase que exclusivamente humanos, que são os valores que regem a forma de viver nas cidades do progresso, desde a colonização, e mais expressivamente depois das revoluções industriais.

A terra se mexe, o espaço habitado vai se movendo, se transformando, está em movimento, o mundo é movimento, a vida é movimento, logo, é importante perceber esse movimento, pensar sobre ele, nomeá-lo. Neste artigo, por meio de uma reflexão sobre as relações estabelecidas em Maceió com suas águas, marcadas pelo tamponamento urbanizante, nos propomos a desenhar uma historicidade que nos auxilie no movimento de imaginar futuros outros.

Esse tipo de conhecimento não é apenas importante, mas é também uma tecnologia de sobrevivência e vivência, de preservação do lugar onde se habita, de autoconhecimento, é uma declaração de amor à própria vida, uma celebração das raízes, da ancestralidade, do sagrado, da natureza. Entender o movimento, possibilita o entendimento de onde se pode interferir ou não, para manter o equilíbrio da natureza, é uma inteligência específica. Ao nomear os lugares pelos movimentos das forças da natureza que ali acontecem, essa informação é passada de forma cotidiana, insistente, abrindo janelas de discussão de diversos aspectos da vida material e espiritual.

REFERÊNCIAS

BARROS, Raquel Rocha de Almeida. **Solitários no paraíso**: produção cultural e expressões de isolamento em Maceió. Maceió: Fapeal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e Lagoas**. 3 ed. Maceió: EDUFAL, 1999.

COSTA, Craveiro. **Maceió**. 2 ed. Maceió: Sergasa S/A, 1981.

DUARTE, Rubens de Oliveira. **O protagonismo e a sedução do mar e da laguna em Maceió e o imaginário das águas na cidade**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Alagoas, 2019.

IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras**. 5 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2015.

KRENAK Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. 2 ed. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos: Eduneal: Fapeal, 2019.

_____. **Uma cultura em questão: A Alagoana**. [Entrevista concedida a] Jorge Barboza. Urupema: revista de cultura alagoana, Maceió, n. 1, p. 25-36, dez. 2006.

LIMA, Ivan Fernandes. **Maceió, a cidade restinga**: Contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2010.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MARQUES, Isabela Camargo. **Viver a cidade: reflexões sobre cotidiano, vitalidade e permanência no bairro da Jatiúca** – Maceió/AL. 2018.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 61 ed. Rio, São Paulo: Record, 2005.

TICIANELI, Edberto. **Cheia de 1924 em Maceió**. 31 maio 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/cheia-de-1924.html>. Acesso em: mar. 2024.

_____. **Levada de Maceió, o porto da cidade restinga**. 16 maio 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/levada-de-maceio-o-porto-da-cidade-restinga.html>. Acesso em: mar. 2024.

_____. **Riacho Reginaldo, o Salgadinho de Maceió**. 30 jul. 2018. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/riacho-reginaldo-o-salgadinho-de-maceio.html>. Acesso em: mar. 2024.